

# Um estudo sobre o humor como estrutura de dominação nas falas de Bolsonaro

**DANIEL KEI NAMISE**

*Universidade Federal do Paraná  
Curitiba, Paraná, Brasil*

**CARLA CÂNDIDA RIZZOTTO**

*Universidade Federal do Paraná  
Curitiba, Paraná, Brasil*

**ID 2676**

Recebido em  
**09/08/2022**

Aceito em  
**22/11/2022**

Em ao menos quatro ocasiões (uma *live*, dois encontros com apoiadores e uma palestra), Bolsonaro utilizou o termo “arrobas” para se referir a pessoas negras, justificando ter sido uma piada. Entendemos que esse tipo de humor agressivo e hostil contra determinados grupos tem sido utilizado como estratégia discursiva por atores políticos reacionários para afirmarem uma posição de dominação social. Em vista disso, este artigo buscou analisar os discursos de Bolsonaro nas quatro ocasiões citadas. A partir do método sociocognitivo de Van Dijk, foi possível avaliar relações de poder e construções cognitivas presentes nas falas selecionadas, e, ao mesmo tempo, demonstrou-se como o humor pode ser utilizado como ferramenta de propagação ideológica e de dominação.

**Palavras-chave:** Comunicação política. Análise do discurso. Humor. Racismo.

## A Study on Humor as a Structure of Domination in Bolsonaro’s Speeches

On at least four occasions (one *live*, two meetings with supporters and a lecture) Bolsonaro used the term “arrobas” to refer to black people, justifying it as a joke. We understand that this type of aggressive and hostile humor against certain groups has been used as a discursive strategy by radical political actors to assert a position of social domination. Therefore, in paper we seek to analyze Bolsonaro’s speeches on the four occasions mentioned. By using Van Dijk’s socio-cognitive method, it was possible to evaluate power relations and cognitive constructions present in the selected speeches. At the same time, it was demonstrated how humor can be used as a tool for ideological propagation and domination.

**Keywords:** Political communication. Discourse analysis. Humor. Racism.

## Un estudio sobre el humor como estructura de dominación en los discursos de Bolsonaro

En al menos cuatro ocasiones (una en *live*, dos reuniones con seguidores y una conferencia), Bolsonaro utilizó el término “arrobas” para referirse a las personas negras, justificando, haber sido una broma. Entendemos que este tipo de humor agresivo es hostil contra determinados grupos ha sido utilizado como una estrategia discursiva por actores políticos reaccionarios para que afirmen una posición de dominación social. En vista de eso, este artículo buscó analizar los discursos de Bolsonaro en las cuatro ocasiones citadas. Utilizando el método socio-cognitivo de Van Dijk, fue posible establecer relaciones de poder y construcciones cognitivas presentes en los discursos seleccionados, al mismo tiempo, se demostró cómo el humor puede ser utilizado como herramienta de propagación ideológica y de dominación.

**Palabras clave:** Comunicación política. Análisis del discurso. Humor. Racismo.

## Daniel Kei **NAMISE**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Participação Política (Compa).

Universidade Federal do Paraná  
Curitiba, Paraná, Brasil.

**E-mail:** [daniel.namise@gmail.com](mailto:daniel.namise@gmail.com)

### **ORCID**



## Carla Cândida **RIZZOTTO**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Participação Política (Compa).

Universidade Federal do Paraná  
Curitiba, Paraná, Brasil.

**E-mail:** [carlarizzotto84@gmail.com](mailto:carlarizzotto84@gmail.com)

### **ORCID**



## Introdução

Imagine a seguinte cena: um homem toma uma injeção, e a substância contida na seringa o transforma em um lagarto gigante. Em uma época marcada por filmes de super-heróis, a cena poderia até ser parte de um deles, mas na verdade se trata de uma fala do então presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro. No dia 17 de dezembro de 2020, em um evento em Porto Seguro,<sup>1</sup> na Bahia, Bolsonaro alegou que possíveis efeitos colaterais da vacina contra o coronavírus seriam a pessoa “virar jacaré” ou “nascer barba em mulher” ou os homens vacinados comecem a “falar fino”. Essa declaração faz parte de um repertório de falas polêmicas de Bolsonaro que foram proferidas ao longo de sua carreira como político. Questionados sobre o caráter de tais falas, tanto Bolsonaro como outras figuras públicas simplesmente afirmaram que se tratava de uma piada que foi mal interpretada. Esta retórica tem se apresentado como uma forma de “defesa mormente de posições reacionárias proferidas publicamente por atores políticos do campo conservador” (CHAGAS, 2020a, p. 3).

As falas de Bolsonaro e outros políticos reacionários, como o deputado federal Kim Kataguiri (União-SP), o ministro da economia Paulo Guedes, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (Partido Liberal, PL-SP) e seu irmão, o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos), buscam naturalizar opiniões antidemocráticas através de uma mensagem ambivalente, ou seja, há uma dificuldade em se distinguir se uma ação foi um evidente ataque ou uma mera brincadeira de mau gosto. Então, enquanto uns podem rir de uma fala do presidente, outros também podem se sentir ofendidos. Devido a essa capacidade de provocar as mais variadas reações entre os receptores de sua mensagem, Bolsonaro e seus companheiros têm sido chamados de *trolls* (NADER, 2018; NUNES 2020; PETERS, 2020).

Os *trolls* dos quais falamos aqui não são as criaturas da mitologia escandinava, mas sim os membros de comunidades on-line que transformaram um conjunto de ações disruptivas em uma verdadeira subcultura com normas e práticas bem estabelecidas e que já foram amplamente estudadas (COLEMAN, 2012; PHILLIPS, 2015). A temática *troll* tem ganhado espaço nas pesquisas da Ciência Política e da Comunicação devido à adoção desse tipo de comportamento por setores reacionários da sociedade, que utilizam a *trollagem*<sup>2</sup> e o humor como recursos retóricos para atacar seus opositores e grupos específicos (CHAGAS, 2020a; PETERS, 2020).

Um dos principais aspectos da subcultura *troll* é a busca pelo *lulz*, que é definido como um tipo de riso<sup>3</sup> gerado pelo impacto negativo que uma ação tem sobre o outro (FRAGOSO, 2015). O riso provocado e gerado pelo sofrimento do outro já havia sido observado desde a Antiguidade. Platão o via como uma forma de humilhar aqueles que invejamos, e Aristóteles o compreendia como uma demonstração de desprezo pelo outro (FIGUEIREDO, 2012). Autores como Wolff, Smith e Murray (1934) apontam que tal visão acerca do humor e do riso ajudaria a explicar a existência das piadas de cunho racista, xenofóbico, machistas etc., pois aqueles que se divertem com esse tipo de humor veriam o alvo dela como inferior a si.

Nesse contexto, os trabalhos de Billig (2001) e Weaver (2011) são indispensáveis, pois ambos os autores concordam que piadas refletem determinados comportamentos e pensamentos ideológicos, logo uma declaração humorística também pode expressar ideias que buscam reiterar uma posição de dominação. Então, ao fazer piadas com grupos socialmente vulneráveis, ao invés de submetê-los a uma dominação

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=|BCXkVOEH-8>>. Acesso em: 19 maio 2022.

<sup>2</sup> Neologismo que surgiu na internet e é uma derivação da palavra *troll*. O trabalho seminal de Coleman (2012) sobre a subcultura *troll* define *trollagem* como uma mensagem disruptiva, em outras palavras, como uma ação ou discurso que teria como objetivo interromper ou atrapalhar um processo comunicativo on-line.

<sup>3</sup> Como Bolacio Filho (2012) esclarece, é comum que tanto riso e humor sejam vistos como sinônimos, porém o primeiro seria o resultado e uma das expressões do segundo. Por sua vez, o humor pode ser visto como um “conjunto de temas e os mecanismos que desencadeiam o riso em cada cultura” (BOLACIO FILHO, 2012, p. 73). Por isso, é possível afirmar que o fato do *lulz* ser um componente importante da subcultura *troll* transforma o humor em um aspecto também importante para os *trolls*.

física, um comportamento que seria socialmente inaceitável, o indivíduo buscaria reforçar sua posição de domínio por meio do humor, que seria uma forma de domínio mais aceitável e mascararia o sentimento de superioridade em relação ao outro (FIGUEIREDO, 2012).

Em paralelo a essa discussão, Phillips (2019) explica que a subcultura *troll* produziu aquilo que ela denominou de risada excludente, uma sátira desumanizadora que tem como propósito “reforçar estereótipos de dominação cultural, mas também para a disseminação de um estado de pânico moral” (CHAGAS, 2020a, p. 6). Tal ideia se assemelha muito à de Moreira (2020) sobre o que ele chama de *racismo recreativo*, no qual o humor é usado para reafirmar uma estrutura hierárquica social, ao mesmo tempo em que mascara o sentimento de hostilidade racial de um grupo contra o outro. Por muitos acreditarem que o humor possui uma natureza benigna, as pessoas tendem a ignorar o impacto psicológico e social que o humor derogatório pode causar. Isso fica mais evidente quando se observa as declarações de Andrew Anglin, um dos mais proeminentes membros da extrema-direita estadunidense. Ele afirmou que humor e vulgaridade tendem a confundir as pessoas, pois elas passam a não saber mais distinguir o que é ironia do que é sério, e isso diverge a atenção para discussões que não atrapalham o compartilhamento das mensagens de ódio (ROMANO, 2017).

Por isso, a partir do que foi exposto até aqui, surge a necessidade de se estudar os efeitos do humor empregado por políticos da extrema-direita. É preciso compreender como piadas e brincadeiras perpetuadas por essas figuras podem ser consideradas como uma ferramenta de dominação social. Então, para elucidar um pouco dessa problemática, propõe-se realizar uma análise qualitativa de uma “brincadeira” recorrente de Bolsonaro. Em mais de uma ocasião, Bolsonaro usou o termo “arrobos” como forma de medida para se pesar pessoas negras.<sup>4</sup> Em reação às falas do presidente, diversas entidades da sociedade civil denunciaram Bolsonaro por racismo, e este defendeu em todas as ocasiões que sua fala era uma mera “piada”.

Uma análise qualitativa é o melhor método para se entender o papel do humor como ferramenta de dominação, pois piadas são uma forma de comunicação social (BILLIG, 2001). Logo, para evidenciar seus elementos comunicativos e suas conexões com questões políticas e sociais, é preciso analisar essas falas em todo o seu contexto, o que não seria possível com uma análise quantitativa. A análise dos discursos foi feita a partir do método sociocognitivo desenvolvido por Van Dijk (2018). A preferência por trabalhar com o quadro metodológico desse autor se deve à importância de seus trabalhos sobre a relação entre discurso e poder. As obras de Van Dijk exploram de que modo a linguagem, seja ela escrita ou falada, seria capaz de reproduzir relações de dominação independentes de sua natureza. Tal abordagem será aprofundada na terceira parte deste artigo. Antes disso, trataremos do papel do humor na política, para, finalmente, na última parte, analisar os discursos de Bolsonaro. Optamos pela análise de quatro discursos em que ele repete a mesma piada racista, conforme elencado a seguir.

(1) “Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista... Olha, o afrodescendente mais leve lá, pesava sete arrobos... Não fazem nada! Eu acho que nem pra procriadores servem mais... Mais de um bilhão de reais por ano gastado com eles.”

(2) “Era pancadaria o tempo todo [em referência às eleições de 2018], qualquer palavra minha. Falei realmente, né, aquele negócio lá do... [para sua fala e se dirige ao deputado Hélio Lopes]. Ô Hélio, tudo bem, Hélio? Tranquilo aí? Você pesa quantos arrobos, Hélio? Pô, uma brincadeira que eu fiz com um amigo meu. 15 arrobos, 225 kg? Não, não, você deve tá pesando umas 7 arrobos, 150 kg aí.”

(3) *Apoiador de Bolsonaro*: “Bolsonaro, sou negão, votei em você e em 2022 vou votar de novo. Você é o melhor presidente do Brasil”.  
Bolsonaro: “E você está com oito arrobos”.

(4) *Apoiador de Bolsonaro*: “Ele [outro apoiador de Bolsonaro] disse que levantaram ele, presidente, do chão naquela hora”.  
Bolsonaro: “Conseguiram te levantar? Tu pesa o que? Mais de sete arrobos né?”

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/bolsonaro-volta-dizer-que-negro-e-pesado-em-arrobos-e-ironiza-sua-condenacao.shtml>>. Acesso em: 22 maio 2022.

Os discursos de Bolsonaro selecionados para nossa análise ocorreram nos seguintes contextos: o primeiro foi realizado em uma palestra do Clube Hebraica, do Rio de Janeiro, em 2017, quando ainda se especulava uma possível candidatura de Bolsonaro nas eleições presidenciais do ano seguinte. O segundo, em uma das *lives* semanais dele realizadas em 2020. O terceiro foi em um evento do Aliança pelo Brasil, partido que Bolsonaro tentou criar, realizado no mesmo ano, e o último ocorreu durante uma das conversas no chamado “cercadinho” do Palácio da Alvorada,<sup>5</sup> em 2022.

## Brincando de política

De acordo com Bennet (1979), a brincadeira política é uma ação libertadora, uma vez que, nesse processo de transformação de significados, o indivíduo seria posto em uma posição de interpretação de contextos sociais. Logo, a brincadeira possibilitaria que aqueles que não compreendem todos os mecanismos que regem a ordem política e social em que estão inseridos possam criar uma estrutura de ação e comunicação que simplifique sua realidade vivida. Consequentemente, essa ação permitiria a eles explorar de forma mais clara as estruturas sociais em que estão envolvidos, de modo que, a partir disso, eles poderiam questioná-las. Não é à toa que Bennet (1979, p. 336, tradução nossa) aponta que a brincadeira política é uma das principais formas de expressão para “grupos reprimidos ou de pessoas alienadas que não possuem sofisticação ideológica para pensar criticamente sobre o mundo político”.<sup>6</sup>

Nas democracias modernas, as autoridades aprenderam a conviver com piadas e brincadeiras, pois “um poder que não aceita a zombaria é um poder ameaçado, desprezado, votado a desaparecer. Só se zomba daquilo que ainda inspira algum respeito; o cúmulo do desprezo é a indiferença” (MINOIS, 2003, p. 596). Além disso, os políticos perceberam que demonstrar traços de bom humor também é benéfico para suas imagens, pois isso os aproxima das populações que governam e os ajuda a ganhar popularidade (WILKINS, 1993).

Entretanto, o humor utilizado por Bolsonaro e outros atores políticos reacionários e da extrema-direita não visa somente ao ganho de visibilidade, mas também é uma forma de eles reafirmarem suas posições de dominação (PHILLIPS, 2019; CHAGAS, 2020b). É basilar entender que o humor é uma ferramenta utilizada para se quebrar tabus de uma forma socialmente aceitável, pois é através dele que se pode expressar discursos com sentidos censurados ou proibidos, seja porque desafiam um padrão de comportamento estabelecido ou porque tais opiniões refletem comportamentos considerados superados ou extintos (FREUD, 2017 [1905]). Isso se torna um problema quando as opiniões expressas através do humor são de caráter discriminatório e antidemocrático.

Como Viveiros (2014) afirma, o uso desse tipo de humor é perceptível na geração atual de humoristas, como Rafinha Bastos e Danilo Gentili, que utilizam a comédia para justificar suas piadas que zombam de pessoas com deficiências (PcD) físicas e mentais, vítimas de estupro, entre outras. Eles usam o argumento de seu humor ser politicamente incorreto para blindar suas posições reacionárias. De acordo com Chagas (2020a), há a acepção de que o politicamente correto tirou a graça de tudo. Para alguns, esse termo se tornou sinônimo de censura, por diminuir a liberdade de expressão (DE OLIVEIRA; MAIA, 2020). Santana e Leal (2019) explicam que tal concepção acerca do tema é fruto de desinformação e de uma má interpretação sobre as leis que definem os limites da liberdade de expressão.

<sup>5</sup> Os quatro episódios foram resumidos na seguinte reportagem da *Folha de S.Paulo*: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/bolsonaro-volta-dizer-que-negro-e-pesado-em-arrobos-e-ironiza-sua-condenacao.shtml>>. Acesso em: 26 maio 2022.

<sup>6</sup> No original: “repressed or alienated groups of people who lack ideological sophistication to think critically about the political world”.

Ao mesmo tempo em que se percebe que há uma interpretação equivocada sobre os limites da liberdade de expressão, os defensores do politicamente incorreto compartilham a falsa premissa de que o politicamente correto seria uma forma de controle social. Então, aqueles que se utilizam do chamado humor politicamente incorreto se veem como as verdadeiras vítimas. Ao afirmar que sua liberdade de expressão está em risco, eles tentam deslegitimar as falas daqueles que os reprovam, de modo que se busca “desqualificar qualquer alteração do paradigma social vigente fundado na desigualdade e opressão” (GRUDA, 2014, p. 153). Portanto, ao se colocarem como vítimas do politicamente correto, figuras como Bolsonaro teriam um salvo-conduto para fazer piadas e brincadeiras ofensivas e abusivas, pois isso seria uma forma de se defenderem de uma suposta censura. Mesmo que o argumento de serem vítimas seja facilmente refutável, é preciso compreender por que suas falas não podem ser encaradas somente como meras piadas.

## Abordagem sociocognitiva da piada como discurso

Nos estudos críticos do humor, a justificativa “é só uma piada” é utilizada amplamente como uma forma de normalizar o humor antagônico, aquele que satiriza e inferioriza alguma minoria ou grupo socialmente vulnerável (BILLIG, 2001; WEAVER, 2011). A ideia de que tudo é passível de ser uma piada tem respaldo em pesquisas que consideram que o que torna uma piada engraçada ou não está ligado não diretamente ao seu conteúdo, mas à forma como esse é apresentado ao interlocutor (POSSENTI, 2021).

Davies (1998), um dos principais teóricos da vertente que defende que piadas são, antes de tudo, só expressões de humor, utiliza como exemplo as piadas de cunho étnico. Ele demonstra que as estruturas textuais são as mesmas, porém os alvos delas mudam de acordo com a região em que tais piadas são feitas. De fato, a leitura de piadas de diferentes países pode levar a tal conclusão, pois se observa que os mesmos temas tendem a se repetir, assim como as técnicas utilizadas, o que reforça o argumento de que o humor é universal. Tome-se como exemplo a seguinte piada: “Três horas da tarde. Dois baianos encostados numa árvore à beira da estrada. Passa um carro a grande velocidade e deixa voar uma nota de cem reais, mas o dinheiro vai cair do outro lado da estrada. Passados cinco minutos, um fala para o outro: ‘Rapaz, se o vento muda, a gente ganha o dia...!’”

É perceptível que há o uso do estereótipo de que baianos são pessoas preguiçosas, mas é preciso esclarecer que o estereótipo de preguiçoso não é atribuído somente a “baianos”. Em sua análise sobre piadas culturais, Possenti (2021) relata que gregos também recebem essa alcunha, de modo que os textos humorísticos sobre esse povo se assemelhariam muito (ou seriam praticamente idênticos) aos que têm como alvo os baianos. De fato, ao observar somente a construção textual das piadas, como Davies (1998) sugere, bastaria mudar os personagens de uma piada para que ela pudesse ser facilmente reutilizada em outros contextos. Sendo assim, seria difícil estabelecer uma ligação entre preconceito e humor, pois a graça estaria localizada sobretudo na estrutura textual da piada.

Entretanto, por mais que a construção de piadas possa seguir um mesmo padrão, os sentidos produzidos não serão os mesmos. Isso só é possível através de um conhecimento específico prévio por parte do receptor da piada, pois textos/falas humorísticos estabelecem relações intertextuais: se o interlocutor não possui o saber exigido, ele se torna incapaz de descobrir as interpretações que podem definir uma mensagem como piada (POSSENTI, 2021).

Por sua vez, Wolff, Smith e Murray (1934) identificaram que a construção dos sentidos das piadas, sátiras e brincadeiras se baseia em crenças e sentimentos particulares de um grupo em relação a outro, e que tais ações reforçam certas disposições e atitudes com o outro. Em virtude disso, piadas podem ser entendidas como uma forma de comunicação social entre membros de um grupo, pois os alvos das piadas, por não pertencerem a determinado grupo, não conseguiriam entender exatamente o motivo da graça e, conseqüentemente, não conseguiriam reagir de forma apropriada.

O humor torna-se mais sutil e talvez mais ferino, porque trafega menos pelo dito e mais pelo não dito, ou, ainda que dito, pela ambiguidade dos termos, seus duplos sentidos, as variadas interpretações possíveis deixando a pessoa, objeto da piada, em situação às vezes duplamente constrangedora, pois foi gozada e, em alguns casos, nem entendeu a piada... (FIGUEIREDO, 2012, p. 181-182).

Tal concepção de que a graça do humor está localizada na construção semântica da piada é decisiva para a análise crítica do discurso proposta neste artigo, pois ela dialoga com o método desenvolvido por Van Dijk. Este autor afirma que há significados indiretos e implícitos nos discursos, e que sua decodificação depende de uma série de elementos, sendo os aspectos cognitivos dos interlocutores (os modelos mentais e o contexto) da mensagem um dos mais importantes (VAN DIJK, 2005). Essa interface cognitiva deve ser considerada durante a análise do discurso, pois ela serve de mediadora entre os aspectos sociais e o discurso em si (PEREIRA *et al.*, 2020). Sem essa mediação cognitiva, Van Dijk (2018) explica que, se a situação social determinasse exclusivamente as estruturas dos discursos, todos produziram uma mesma interpretação; todavia, o que se tem é que há variações individuais sobre os significados por trás de uma fala.

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD) não são uma linha de pesquisa homogênea, mas, por mais que cada vertente tenha sua própria metodologia, eles têm como mesmo objetivo estudar as relações de poder na sociedade, mais especificamente as que legitimam o abuso do poder (VAN DIJK, 2018). Funcionam como um “manancial importante de instrumentos para compreender a construção do sentido e do significado” (CARVALHO, 2000, p. 155).

Na abordagem sociocognitiva de Van Dijk (2002, p. 192, tradução nossa), o discurso é um “evento comunicativo específico, em geral, e uma forma escrita ou oral de interação verbal ou de uso da linguagem, em particular”.<sup>7</sup> O autor abandona a noção mais genérica do termo que ligaria o conceito de discurso como sinônimo de um conjunto de falas que representam uma determinada filosofia ou ideologia. Van Dijk (2002) também considera que há uma dimensão semiótica do discurso que, por ser complexa, necessita que o analista se utilize de abordagens multidisciplinares, como a psicologia cognitiva.

A partir dessa conceitualização sobre discurso, Van Dijk (2018, p. 8) se dedica a trabalhar na forma como “os discursos estão envolvidos na reprodução de problemas sociais”, pois não são todos que têm acesso ao discurso; pelo contrário, o discurso é um recurso social limitado e controlado por determinados grupos em diferentes situações. O discurso é uma das manifestações de poder social que as elites simbólicas possuem, por isso o conceito de poder é fundamental para a abordagem sociocognitiva.

É inegável que existe uma variedade de definições para a noção de poder. Van Dijk (2018) entende que o poder é uma característica social fruto da relação entre grupos, classes ou outras formações sociais. A natureza dessa relação é de competição sobre um determinado recurso (simbólico ou material), cuja divisão pode ser institucionalizada, legitimada e justificada através de um sistema de status, o que leva ao surgimento de um grupo dominante e de outro a ele subordinado (TAJFEL; TURNER, 1979).

É a partir dessa relação de competição que surgem as dinâmicas de poder, pois aquele que detém a maior parcela desse recurso terá poder sobre o outro (VAN DIJK, 2018). Para manter sua posição nessa hierarquia social e, conseqüentemente, manter seu poder, o grupo dominante tende a buscar formas de controlar as ações dos subordinados, e isso pode ser feito de várias formas, como através do uso da força física ou de embargos econômicos. Contudo, a forma mais eficiente de se exercer o poder é controlando tanto as crenças como os desejos dos dominados. Isso é feito através da manutenção de uma estrutura ideológica compartilhada por ambos os grupos e que favorece aqueles que são os detentores do poder (VAN DIJK, 2018).

<sup>7</sup> No original: “un evento comunicativo específico, en general, y una forma escrita oral de interacción verbal o de uso del lenguaje, em particular”.

É importante esclarecer que, na abordagem sociocognitiva, ideologias devem ser entendidas como uma “consciência” de um grupo ou classe, que seria a materialização de suas práticas culturais, socioeconômicas, políticas e de seus interesses.<sup>8</sup> Nesse sentido, o termo “ideologia” pode ser interpretado como sistemas de crenças, conjuntos de ideias e atitudes que estariam ligados por algum tipo de estruturação ou interdependência funcional (CONVERSE, 1964). “As ideologias, além de fenômenos sociodiscursivos, são também fenômenos sociocognitivos” (SILVA JÚNIOR; PINHEIRO; NASCIMENTO, 2020, p. 78), portanto, elas influenciariam a forma como os atores sociais interpretam, percebem e reagem a práticas sociais como o discurso.

A teoria marxista oferece uma explicação de como ideologias servem como instrumento de controle. Para esta vertente, a ideologia dominante, aquela que é mais difundida entre os mais diversos grupos sociais de um determinado período, tende a ser a ideologia da classe dominante (VAN DIJK, 2018). As classes e os grupos dominados compartilham dessa ideologia, porém não percebem que ela pode levá-los a agir contra seus próprios interesses. Isso ocorreria porque as construções ideológicas naturalizam a história, de modo que as pessoas se tornam mais passíveis de aceitar o *status quo*, uma vez que o veriam como algo natural, imutável (BARTHES, 2019).

É a partir dessa discussão sobre poder, ideologia e domínio que Van Dijk (2018) baseia seus estudos de como o discurso pode naturalizar a desigualdade racial. Para ele, o racismo é um complexo sistema social de dominação que apresenta fundamentos étnicos e desigualdades. O racismo é estruturado por um sistema social, que consiste em práticas sociais de discriminação e nas relações de abuso de poder entre grupos, e cognitivo, que envolve representações mentais negativas socialmente compartilhadas que embasam as manifestações visíveis de racismo (VAN DIJK, 2018).

O Brasil tem uma íntima história com o racismo. Ela tem suas origens no sistema colonial brasileiro, que dependia, essencialmente, da mão de obra escravizada negra para seu funcionamento. Africanos eram escravizados e importados para a colônia portuguesa, onde eram vistos como patrimônio privado, se aproximando em muito da condição de animais domésticos (NASCIMENTO, 2016). Mesmo com o fim do tráfico negreiro e a abolição da escravidão no Brasil, a situação da população negra não apresentou uma grande melhora devido a dois motivos: 1) o Estado brasileiro não criou condições necessárias para a inserção da população negra na sociedade; e 2) o próprio preconceito dos cidadãos brancos brasileiros impedia essa inclusão (FAUSTO, 2019).

Então, diferentemente dos Estados Unidos e da África do Sul, onde a segregação racial foi legitimada através da ratificação de leis, no Brasil, esse fenômeno “ocorreu por meio dos *usos e costumes* da época, da eficácia das normas sociais não institucionalizadas, embasadas em teorias pseudocientíficas racistas” (MENNA BARRETO; FERRAZ, 2020, p. 706, grifos do original). Um exemplo disso se traduz na busca por mão de obra estrangeira durante os séculos XIX e XX. Parte da elite brasileira descartava a possibilidade de contratar negros ou seus descendentes, pois os via como uma raça inferior, e a miscigenação de pessoas brancas com negras era vista como um ato de degeneração social e moral (FAUSTO, 2019; MARTINS, 2012).

Mesmo que o preconceito contra negros seja visível na sociedade, difundiu-se entre os brasileiros o mito da democracia racial, segundo o qual brancos, negros (pretos e pardos), povos originários e amarelos viveriam em harmonia, tendo superado os conflitos raciais (RAMOS *et al.*, 2015). Para Munanga (2010), essa visão surge da dificuldade da sociedade brasileira em compreender as manifestações do nosso racismo, que apresentaria certas peculiaridades por não ter sido institucionalizado. Ao mesmo tempo, trabalhos recentes como o de Jessé Souza (2017) buscam demonstrar como o histórico escravocrata do país levou à produção de novas formas de racismo que guiam as expectativas morais e sociais em que parte da sociedade brasileira, principalmente da classe média e da elite predominantemente brancas, está inserida.

<sup>8</sup> Para Van Dijk (2018), é um erro considerar que ideologias possam ser falsas ou erradas, pois ele entende que todas as ideologias propõem uma construção da sociedade que depende dos interesses de determinado grupo, logo seria um erro considerar ideologias tendenciosas.

É nesse contexto que Moreira (2020) identifica a presença do *racismo recreativo*. Para este autor, o uso do humor derogatório contra minorias raciais não deve ser visto como um comportamento individual, mas sim como uma política cultural praticada tanto por agentes públicos quanto por agentes privados da sociedade brasileira. Através de piadas racistas, seriam perpetuadas imagens negativas historicamente compartilhadas sobre minorias raciais e que justificariam a opressão que elas sofrem, assim como o controle de uma maioria branca sobre capitais culturais e econômicos.

## Estragando algo que já era estragado

Explicar piadas é uma das tarefas mais antipáticas, por duas razões: a primeira supõe que as piadas devem ser entendidas (não entender é um estigma, um sinal de pouca inteligência) e, portanto, explicá-las é desnecessário; a segunda considera, com alguma razão, que explicar a piada é “estragá-la”. No entanto como o objetivo, aqui, não é contar piadas, porque, claramente essa não é uma das situações em que se faz isso, vou assumir o papel eventualmente atribuído aos estraga prazeres (POSSENTI, 2021, p. 133).

Antes de começar a análise, ou melhor, a explicação das “piadas” de Bolsonaro, é preciso destacar que Van Dijk (2018) não apresenta uma fórmula a ser seguida de como os discursos devem ser analisados. O que ele descreve são pontos essenciais para todo estudo crítico do discurso. O exame do contexto em que se dá determinado discurso é fundamental, pois isso definirá questões como os tópicos a serem abordados e o modo como o discurso será conduzido. Por isso, iniciaremos por esse ponto. Em seguida, será analisada a polarização e as construções cognitivas presentes nas falas de Bolsonaro.

Perelman (2004) explica que todo discurso possui um determinado contexto, por isso uma mesma mensagem pode não ter a mesma capacidade de convencer grupos diferentes. Van Dijk (2018) parte de um pressuposto similar e afirma que o contexto organiza o modo como estruturamos e adaptamos os discursos às situações comunicacionais com as quais nos deparamos. Em outras palavras, os contextos são os responsáveis pela interpretação e pela produção dos discursos. Sendo assim, eles definem quais estruturas e quais gêneros discursivos devem ser utilizados, assim como os temas relevantes para os participantes.

No senso comum, o contexto aparece como um conjunto de circunstâncias em torno de uma situação ou acontecimento, ou seja, é estático e objetivo, por isso uma fala retirada do contexto ganharia outras conotações. Contudo, para a abordagem sociocognitiva, o contexto está em constante mudança, pois trata-se de construções cognitivas dos participantes baseadas nos modelos mentais que eles têm de um determinado evento comunicacional (VAN DIJK, 2012). Por isso, quando se fala em analisar o contexto, é preciso averiguar o espaço e o tempo de fala, mas também quem são os participantes de dado evento.

Como visto na introdução, os quatro discursos de Bolsonaro foram feitos em épocas e ocasiões distintas. Contudo, por mais que as circunstâncias tenham sido diferentes, pode-se afirmar que Bolsonaro não alterou o seu discursivo nas quatro situações. Como De Oliveira e Maia (2020) apontam, mesmo em situações comunicacionais distintas Bolsonaro adota uma linguagem simples, com o uso de expressões coloquiais e xingamentos, pois isso seria uma tática de aproximação entre ele e sua base eleitoral. A eficácia dessa estratégia é confirmada pela pesquisa qualitativa “Bolsonarismo em crise?”, que conclui que a violência retórica e a simplicidade da fala do político “é reinterpretada como autenticidade, que seria um dos valores mais desejáveis em um entorno político tido como corrupto e mentiroso” (ROCHA; SOLANO, 2020).

Uma vez estabelecido que Bolsonaro não faz grandes alterações em seu estilo discursivo, é preciso avaliar a escolha do tópico. Para Van Dijk (2012), a decisão de quais assuntos devem ser abordados durante um discurso e como isso deve ser feito depende do contexto. A partir disso, pode-se fazer a seguinte pergunta: o que permite Bolsonaro se sentir confortável nessas quatro situações ao ponto de expressar opiniões racistas? Primeiro, é preciso lembrar que, embora Bolsonaro tenha sido julgado por suas declarações

no Clube Hebraica do Rio de Janeiro, ele foi absolvido, pois determinou-se que ele estava nos limites de sua imunidade parlamentar. É possível hipotetizar que essa decisão jurídica contribuiu para que Bolsonaro proferisse a mesma ofensa em outras ocasiões, pois ele pode ter se sentido impune para declarar tal “piada”.

Segundo, em termos de contexto, o tempo e o espaço das falas não aparecem como variáveis significativas nessa análise, pois os quatro eventos comunicacionais ocorreram em situações bem distintas entre si. O que se repete nesses quatro episódios são os receptores de Bolsonaro, que podem ser considerados todos como seus apoiadores. Por exemplo, a palestra no Hebraica do Rio de Janeiro foi organizada por membros do clube que são alinhados à ideologia política da extrema-direita, que compactuam com muitos dos valores defendidos pelo político (GHERMAN; KLEIN, 2019). Por sua vez, tanto a declaração feita no cercadinho como a feita no evento foram direcionadas a apoiadores e eleitores de Bolsonaro. A única incógnita é o caso da *live*, pois não existe um dado oficial sobre quem são os espectadores dela; mesmo assim, pode-se supor que a maioria daqueles que assistiam à transmissão fossem apoiadores de Bolsonaro.<sup>9</sup>

Pode-se afirmar que Bolsonaro tem ciência de que se dirige a pessoas que o apoiam e, consequentemente, que partilham em alguma dimensão das mesmas crenças e opiniões que ele, e por isso ele sabe que sua opinião racista poderá ser aceita por aqueles que o ouvem. Dificilmente esse grupo de apoiadores se declarará racista, até porque a autoapresentação positiva do grupo é um fenômeno já comprovado pela psicologia social (VAN DIJK, 2018; TAJFEL, 1981; TAJFEL; TURNER, 1979). Mas o riso, como linguagem não verbal, pode ser entendido como um sinal de concordância com a fala racista de Bolsonaro, pois, “desse modo, os grupos sociais, quando riem de uma determinada piada, demonstram um aparente acordo com as mensagens, que elas encontram eco na sociedade” (ARAUJO, 2016, p. 50).

Independentemente de sua raça, o apoiador de Bolsonaro pode rir e concordar com a fala racista do político, uma vez que faz parte das relações de dominação fazer com que os grupos dominados compactuem com a ideologia do grupo dominado, já que isso facilita a manutenção do *status quo* (VAN DIJK, 2018). Após a contextualização das falas de Bolsonaro, é possível prosseguir para a avaliação da polarização presente nos discursos, pois “As diferenças percebidas entre ‘nós’ e os ‘outros’ constituem o ponto de partida para a formação de diversos tipos de preconceitos, de práticas de discriminação e de construção das ideologias delas decorrentes” (MUNANGA, 2010, p. 3). Por isso, o primeiro passo a se dar nessa análise é identificar a polarização entre o “Nós” representado de forma positiva *versus* o “Eles” representados negativamente, que, de acordo com Van Dijk (2018), é a principal organizadora do discurso de dominação.

Nos quatro trechos selecionados para a análise, é perceptível a representação negativa do “Outro” através do uso do termo “aroba” como unidade de medida para pessoas negras, que remete à imagem estereotipada de negros como estúpidos, subservientes ou incapazes (ALVES DA SILVA, 2020). Todavia, a apresentação positiva do “Nós” já não é tão simples.

Um exame mais detalhado de todo o discurso 1, e não somente do trecho selecionado, indicaria melhor a polarização presente nessa fala de Bolsonaro, algo que o trabalho realizado por Menna Barreto e Ferraz (2020) já demonstrou. A dupla de autores apontou que a polarização no discurso do Hebraica se deu através da autorrepresentação positiva de um “Nós”, o grupo liderado por Bolsonaro e preocupado com o futuro do Brasil. Em contraposição, indígenas e quilombolas foram caracterizados de forma pejorativa, como pessoas preguiçosas que se aproveitavam do dinheiro público e representavam um entrave para o desenvolvimento do país (MENNA BARRETO; FERRAZ, 2020).

<sup>9</sup> É muito provável que, além dos apoiadores, jornalistas e outros atores, como pesquisadores, opositores e, até mesmo curiosos, fizessem parte dos espectadores da *live* de Bolsonaro. Contudo, possivelmente esse grupo era muito menor do que o de apoiadores que assistiam essa transmissão.

No discurso 2, a apresentação positiva do “Nós” ainda é perceptível, mesmo que feita de forma singela. Quando Bolsonaro afirma que foi “uma brincadeira”, há uma negação do racismo em sua fala. Van Dijk (2018) explica que a estratégia de negação visa impossibilitar qualquer interpretação sob a qual determinada declaração possa ser considerada, de fato, um ataque a uma minoria, ao mesmo tempo que busca fazer uma defesa do grupo que a proferiu.

Ao afirmar que sua fala deve ser encarada como uma brincadeira, Bolsonaro coloca a intencionalidade de sua fala como condição central de responsabilidade, ou seja, sua fala não poderia ser considerada racista, assim como ele e o grupo que se diverte com sua fala não podem ser racistas, porque a intenção não foi discriminar as pessoas negras. Van Dijk (2018, p. 161) aponta que a eficácia dessa estratégia reside no fato de que “o acusador não tem muito como provar intenções negativas”. Além disso, como apontado anteriormente, ao afirmar que se trata de uma simples piada Bolsonaro implica que aquele que o acusa seja o verdadeiro intolerante por estar condenando sua liberdade de expressão. Essa é uma das estratégias de manipulação que buscam deslegitimar argumentos que possam levar à contestação de suas falas, uma vez que tanto o racismo como injúrias raciais são considerados crimes tipificados no Código Penal Brasileiro.

Ainda há outro elemento de negação no discurso 2, que é a afirmação de que o alvo da piada se trata de um amigo de Bolsonaro. A segunda negação pode ser considerada como um tipo de *justificativa*: “nesse caso, o ato não é negado, mas nega-se seu caráter preconceituoso e afirma-se explicitamente que ele foi justificado” (VAN DIJK, 2018, p. 164). A humilhação verbal é justificada pelo nível de proximidade entre Bolsonaro e o deputado federal Hélio Lopes. Moreira (2020) explica que esse tipo de negação se baseia na ideia de que um supremacista seria aquele que se recusa a manter qualquer tipo de contato com membros de outras raças, logo só esse tipo de indivíduo teria a intenção de discriminar negros. Ao ter relações pessoais com pessoas negras, o racista veria a convivência como uma demonstração da ausência de desprezo por minorias raciais. Por mais que esse argumento não tenha legitimidade, Moreira (2020) aponta que o uso dele reforça a falsa tese de cordialidade racial brasileira, encobrindo a natureza assimétrica de nossa sociedade.

Já nos discursos 3 e 4, não existe uma representação positiva do grupo de forma explícita. Entretanto, a ausência da relação antagônica também pode ser vista como uma estratégia argumentativa. Para compreender isso é preciso estabelecer que piadas que utilizam de estereótipos são sempre antagônicas por envolverem dois polos: um positivo, que representa algum aspecto da identidade assumida pelo grupo que faz a piada, e outro negativo, que se refere de alguma forma pejorativa àqueles que o grupo considera seu oposto (POSSENTI, 2021). Contudo, nem sempre essa relação antagônica é visível ou presente na piada, “e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com a alteridade” (POSSENTI, 2021, p. 56). Ou seja, a omissão do confronto entre grupos na piada tem como objetivo a naturalização de determinadas representações sociais, geralmente, negativas.

No que se refere a outras estratégias argumentativas, há necessidade de entender que piadas trabalham com mecanismos diferentes dos discursos políticos e midiáticos tradicionais. Como Billig (2001) aponta, piadas não precisam trabalhar com fatos, o que lhes exige de uma exigência de argumentos lógicos, pois parte-se do pressuposto de que os interlocutores de uma piada saibam que o elemento humorístico empregado não corresponde necessariamente à realidade. No caso do uso do termo “arropa”, os ouvintes, assim como Bolsonaro, sabem que uma pessoa não deve ser pesada utilizando essa medida, pois, em seu uso cotidiano, o termo é utilizado para bovinos. Porém, ao evocar tal imagem sobre negros, Bolsonaro reforça determinados modelos mentais<sup>10</sup> daqueles que o ouvem.

<sup>10</sup> De acordo com Sternberg (2010, p. 251), modelos mentais “são estruturas do conhecimento que os indivíduos elaboram para compreender e explicar suas experiências”. Esses modelos seriam construídos a partir de nosso conhecimento, crenças e experiências em relação a um determinado assunto, sendo que tais concepções podem ser tanto falsas como verdadeiras. Os modelos mentais são subjetivos e únicos, porém o grupo dominante pode através da manipulação transformar um modelo mental específico em uma representação socialmente compartilhada e que seja favorável aos seus objetivos (VAN DIJK, 2018).

Por isso, é importante também compreender quais são as construções semânticas que existem dentro da associação do termo “arroba” com pessoas negras. Para isso, pode-se resgatar novamente o trabalho de Menna Barreto e Ferraz (2020) que analisou de forma similar o primeiro discurso de Bolsonaro trazido neste trabalho.

Arroba, como se sabe, é uma unidade de massa historicamente utilizada pelos negociadores de escravos, sendo ainda hoje utilizada no meio agropecuário para a pesagem de animais vivos, nomeadamente bovinos. Ou seja, ou Bolsonaro estaria resgatando, de maneira um tanto infeliz, uma expressão histórica e se referindo aos afrodescendentes como escravos gordos (sete arrobas equivalem, hoje, em média, a 105 kg), ou estaria se referindo aos negros como animais, embora as marcas do discurso bolsonarista em diferentes situações sugiram o primeiro caso (MENNA BARRETO; FERRAZ, 2020, p. 712).

Mesmo que seja impossível determinar qual das duas construções semânticas é de fato a verdadeira, ambas reforçam o estereótipo – que pode ser considerado um tipo de modelo mental – do negro subsergente e destinado a trabalhos subalternos. Seja porque uma resgata a imagem dos escravos como servos de brancos, seja porque a outra, ao igualar negros com bois, indica que ambos têm como função trabalhos manuais e pesados (vale lembrar que em muitas regiões do Brasil bovinos ainda são usados para o arado de pequenas plantações<sup>11</sup>). É importante lembrar que o mercado de trabalho brasileiro, seguindo uma ideologia racista perpetuada desde o período colonial, favorece pessoas brancas, o que faz com que as pessoas negras ocupem cargos considerados domésticos e outras atividades de baixa remuneração (SANTOS, 2019).

Van Dijk (2018) explica que um único discurso não é capaz de levar à manutenção de uma estrutura ideológica, portanto um determinado discurso deve estar em consonância com outros discursos do grupo dominante. Dessa forma, as interpretações feitas dos quatro episódios analisados encontram respaldo quando se leva em consideração que Bolsonaro questionou as cotas raciais em vestibulares, provas e concursos públicos destinadas a pessoas negras e outras minorias étnicas.<sup>12</sup>

Sendo assim, pode-se afirmar que a interpretação feita neste artigo se aproxima mais da real intencionalidade desses discursos. Isso nos permite concluir que, ao evocar essa imagem pejorativa de pessoas negras como uma classe subalterna, Bolsonaro contribui para a justificação das desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, ele contribui para a manutenção de estereótipos racistas.

## Conclusão

É inegável que o humor faz parte da construção da figura de Jair Bolsonaro. Basta lembrar que sua “passagem por inúmeros programas de auditório fornecia insumo histórico para a constituição de um imaginário em torno do candidato” (CHAGAS, 2021, p. 176-177). Nesses programas de que participava, Bolsonaro era retratado como uma piada que não deveria ser levada a sério, nem mesmo entre seus pares (OYAMA, 2020). Isso permitiu que muitas de suas falas mais polêmicas fossem vistas como meras “piadas”, pois parte da negociação do que pode ser aceito como piada está diretamente ligada ao papel que aquele que faz a piada assume (CAPELOTTI, 2022).

Por ser visto e tratado como um “brincalhão”, Bolsonaro teve, então, um “passe livre” para proferir as mais diversas opiniões antidemocráticas e discriminatórias. E, para muitos, estava tudo bem, pois eram só “piadas”. Este artigo buscou mostrar, através do método sociocognitivo de Van Dijk, como os discursos de

<sup>11</sup> A informação foi retirada do site *BoiSaúde*. Disponível em: <<https://dicas.boisaude.com.br/arado-de-boi-no-brasil/>>. Acesso em: 27 maio 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4923113-bolsonaro-volta-a-negar-racismo-e-diz-sempre-questionei-a-questao-de-cotas.html>>. Acesso em: 27 maio 2022.

Bolsonaro não são só uma demonstração de seu “bom humor”, mas contribuem para a manutenção de uma estrutura ideológica que privilegia um grupo em detrimento do outro a partir de construções cognitivas socialmente compartilhadas.

Os resultados da análise também vão ao encontro dos achados de trabalhos de Weaver (2011) e Billig (2001), que analisaram piadas racistas de sites moderados por supremacistas brancos estadunidenses. Como demonstrado, piadas podem ser mensagens ideológicas que reforçam uma posição de dominação de um grupo em relação a outro. No caso estudado, as falas de Bolsonaro reforçam uma mentalidade racista ainda existente na sociedade brasileira, sendo essa expressão de humor uma demonstração do que Moreira (2020) chama de *racismo recreativo*, um tipo de humor depreciativo e que motiva outros tipos de ações discriminatórias nos mais diversos contextos.

Como dito anteriormente, a decisão jurídica relativa ao caso da fala do Clube Hebraica permitiu que Bolsonaro repetisse a relação entre negros e “arrobos” em mais de uma ocasião, o que contribuiu para a naturalização de outros insultos em forma de brincadeiras e piadas. Pode-se adicionar a esta conclusão a observação de Menna Barreto e Ferraz (2020) de que a impunidade em relação a esse caso também contribuiu para a preservação do poder exercido por uma elite branca brasileira.

Por fim, como Chagas (2020a) alerta, há a necessidade de se realizar mais trabalhos sobre como o humor é utilizado pelas culturas reacionárias, pois a escassez de estudos desse tipo tem levado a diagnósticos incompletos sobre as crises políticas pelas quais os mais diversos países ocidentais têm passado. No Brasil, o humor perpetuado por figuras da extrema-direita foi um dos fatores que permitiu o crescimento de personagens como Bolsonaro e de movimentos como o Movimento Brasil Livre (MBL).<sup>13</sup> Não foram só seus discursos contra a esquerda e minorias que os levaram ao poder, mas também seus memes, suas piadas e seus vídeos que zombavam de seus adversários. É essencial entendermos que deixamos a piada ir longe demais.

<sup>13</sup> O Movimento Brasil Livre (MBL) é um movimento social que se autodeclara liberal conservador e vinculado à direita do espectro político. Entre suas principais pautas, está a diminuição da atuação do Estado na economia. O MBL utiliza intensamente suas redes sociais para expor seus posicionamentos através de vídeos, fotos e memes.

## Referências

ARAUJO, C. L. de. **Racismo e humor**: o impacto de piadas nas expressões de racismo. 132 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

ALVES DA SILVA, F. O racismo de Jair Bolsonaro: origens e consequências. **Nexo Jornal**, 17 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-racismo-de-Jair-Bolsonaro-origens-e-consequencias>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.

BILLIG, M. Humour and Hatred: the Racist Jokes of the Ku Klux Klan. **Discourse & Society**, n. 12, p. 267-289, 2001.

BOLACIO FILHO, E. S. **Humor contrastivo – Brasil e Alemanha**: análise de séries televisivas de uma perspectiva intercultural. 260 f. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, A. Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações. **Comunicação e Sociedade 2 – Cadernos do Noroeste: Série Comunicação**, v. 14, n. 1-2, p. 143-156, 2000.

CAPELOTTI, J. P. **O humor e os limites da liberdade de expressão**: teoria e jurisprudência. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

CHAGAS, V. Dolce farmeme: a retórica da brincadeira política. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Política da Compós, 2020. **Anais...** Campo Grande: Compós, 2020a.

\_\_\_\_\_. **Making Amends with Memes**. Commonplace, 2020b. Disponível em: <<https://doi.org/10.21428/6ffd8432.ac155a53>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro [on-line], v. 34, n. 72, p. 169-196, 2021.

COLEMAN, G. Phreaks, Hackers, and *Trolls*: the Politics of Transgression and Spectacle. In: MANDIBERG, M. (Orgs.). **The Social Media Reader**. Nova York: NYU Press, 2012. p. 99-119.

CONVERSE, P. 1964. The Nature of Belief Systems in Mass Publics. In: APTER, D. (Ed.). **Ideology and Discontent**. Nova York: Free Press, 1964. p. 206-261.

DAVIES, C. **Jokes and their Relation to sSociety**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1998.

DE OLIVEIRA, B. S.; MAIA, R. C. M. Redes bolsonaristas: ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário. **Confluências**, v. 22, n. 3, p. 83-144, 2020.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 14. ed. atual. e ampl.; 3. reimpr. São Paulo: Edusp, 2019.

FIGUEIREDO, C. Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade.

**Comunicação & Sociedade**, v. 33, n. 57, p. 171-198, jan.-jun. 2012.

FRAGOSO, S. “HUEHUEHUE eu sou BR”: spam, trollagem e griefing nos jogos online. **Revista Famecos**, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 3, p. 129-146, 2015.

FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. 1. ed. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 [1905].

GHERMAN, M.; KLEIN, M. Entre “conversos” e “desconversos”: o caso da influência da Nova Direita Brasileira sobre a comunidade judaica do Rio de Janeiro. **Revista de Estudios Sociales del Estado**, v. 5, n. 9, p. 101-123, jan.-jun. 2019.

GRUDA, M. P. O controverso discurso do politicamente correto: algumas considerações e desdobramentos. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 148-163, 2014.

MARTINS, A. R. N. Racismo no debate da imprensa sobre a política de cotas para negros. **Discurso & Sociedad**, v. 6, n. 2, p. 389-417, 2012.

MENNA BARRETO, R. M.; FERRAZ, H. M. Comunidades quilombolas, racismo e ideologia no discurso de Jair Bolsonaro: estudo crítico dos discursos político e judicial. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 699-722, 2020.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MOREIRA, A. **O que é racismo recreativo**. São Paulo: Editora Jandaira, 2020. (Coleção Feminismos Plurais.)

MUNANGA, K. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010.

NADER, L. Repensando a postura da esquerda na criação do “mito” Bolsonaro. **Justificando**, 8 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2018/08/01/repensando-a-postura-da-esquerda-na-criacao-do-mito-bolsonaro/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NUNES, R. Inspirado nos EUA, Bolsonaro adota tática de troll: testar limites para ganhar visibilidade, diz filósofo. Entrevista concedida a Giuliana Vallone. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51511316>>. Acesso em: 19 maio 2020.

OYAMA, T. Tormenta: **O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PEREIRA, A. S. et al. Discurso. In: IRINEU, L. M. et al (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 25-44.

- PERELMAN, C. **Lógica jurídica**. Tradução de Vergínia K. Pupí. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PETERS, G. **Trollar até a morte**: a persistência do bolsonarismo nos tempos do Corona. Rádio Paulo Freire, 2020. Disponível em: <<https://sites.ufpe.br/rpf/2020/04/13/trollar-ate-a-morte-a-persistencia-do-bolsonarismo-nos-tempos-do-corona/>>. Acesso em: 19 maio 2022.
- PHILLIPS, W. **This is Why I Can't Have Nice Things**. Cambridge: MIT Press, 2015.
- \_\_\_\_\_. It Wasn't Just the Trolls: Early Internet Culture, "Fun", and the Fires of Exclusionary Laughter. **Social Media + Society**, n. 5, p. 1-4, 2019.
- \_\_\_\_\_; MILNER, R. **The Ambivalent Internet**. Cambridge: Polity Press, 2017.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Margem da Palavra, 2021.
- RAMOS, S. et al. A visão discriminatória e estereotipada sobre o negro no contexto escolar. In: CONEDU, 2, Campina Grande, 2015. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2015.
- ROCHA, C.; SOLANO, E. **Bolsonarismo em crise?**. Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil, jun. 2020. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16277.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- ROMANO, A. How the Alt-Right Uses Internet-Trolling to Confuse you into Dismissing its Ideology. **Vox**, 11 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.vox.com/2016/11/23/13659634/alt-right-trolling>>. Acesso em: 20 maio 2022.
- SANTANA, G.; LEAL, M. V. Análise do discurso politicamente incorreto na atual mídia humorística televisiva brasileira: o caso de entrevistas feitas por Danilo Gentili. **Domínios de Lingu@agem**, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 377-399, 2019.
- SANTOS, J. G. F. **A discriminação racial e de gênero no mercado de trabalho de Alagoas**. 42 f. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, Santana do Ipanema, 2019.
- SOUZA, J. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010
- TAJFEL, H. **Human Groups and Social Categories**: Studies in Social Psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- \_\_\_\_\_; TURNER, J. An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (Eds.). **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey, CA: Brooks/Cole, 1979. p. 33-47.
- VAN DIJK, T. A. Discurso y racismo. Traducción de Christian Berger. **Persona y Sociedad**, Instituto Latinoamericano de Doctrina y Eestudios Sociales, v. 15, n. 3, p. 191-205, 2002.

\_\_\_\_\_. **Discurso, notícia e ideologia**. Porto: Campo das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari.  
São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2018.

VIVEIROS, D. C. S. **O discurso do politicamente correto “custe o que custar” (CQC)?**. Trabalho apresentado no IV Congresso Íbero-Americano de Política e Administração da Educação/VII Congresso Luso Brasileiro de Política e Administração da Educação. Porto, 14 a 16 de abril de 2014, Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

WEAVER, S. Jokes, Rhetoric and Embodied Racism: a Rhetorical Discourse Analysis of the Logics of Racist Jokes on the Internet. **Ethnicities**, v. 11, n. 4, p. 413-435, 2011.

WILKINS, J. Abusive Criticism and the Criticism of Abuse. In: CAMERON, K. (Ed.). **Humour and History**. Oxford: Intellect Books, 1993. p. 41-55.

WOLFF, H. A.; SMITH, C. E.; MURRAY, H. A. The Psychology of Humor: a Study of Responses to Race-Disparagement Jokes. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 28, p. 341-365, 1934.

## Informações para textos em coautoria

### Concepção e desenho do estudo

Daniel Kei Namise e Carla Rizzotto

### Aquisição, análise ou interpretação dos dados

Daniel Kei Namise

### Redação do manuscrito

Daniel Kei Namise

### Revisão crítica do conteúdo intelectual

Daniel Kei Namise e Carla Rizzotto

## Informações sobre o artigo

### Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada *O presidente que trollou o Brasil: um estudo sobre o humor como estrutura de dominação nos discursos de Bolsonaro*, de Daniel Kei Namise, orientada pela Profa. Dra. Carla Rizzotto, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

### Fontes de financiamento

Não se aplica.

### Considerações éticas

Não se aplica.

### Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

### Apresentação anterior

Não se aplica.

### Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.